

“Estamos no Recife. É noite e a famosa Veneza da América do Sul, coroada de um diadema de luzes, parece surgir dos braços do oceano, que a estreita em carinhoso amplexo e o beija com amor.”

O texto de Bernardo Guimarães aguça em mim a sensação e o sentimento do mesmo abraço e do mesmo beijo que a cidade, o Recife, sempre dedicou-me.

Fico flagrantemente ancho ao dizer ou ouvir que o átimo de meu nascimento teve lugar em Jaboatão dos Guararapes, mas o fato é que nada do que eu posso realçar de 52 anos já vividos, ocorreu fora de meu PORTO SEM SAÍDA (o sonho de cidade do invasor Maurício), como escreveu Tereza Thenório.

Do apartamento no edifício Montes Claros não tenho lembranças, ainda não usava da linguagem falada, embora tenham sido dedicados, para suprir a falta, robustos relatos dos que me sabem dos primeiros dias de vida: meus pais, meu amado irmão, minha tia-mãe Darci.

A casa da Imbiribeira propiciou-me ruas sem calçamento, árvores para subir e colher frutos, muros para simplesmente engendrar peraltices infantis, futebol de várzea, braço de maré, bovinos e equinos (cheiro de curral), infância de interior.

Dessa época as primeiras lembranças do Centro do Recife: cidade mascate, comércio de lojas e de calçadas,

ruas estreitas, ofertas de qualquer coisa aos berros, cheiro da aluvião, dos rios vistos de cima de pontes.

Eu, em minha primeira infância, em meio a uma turba de gigantes, conduzido e protegido pelas mãos cuidadosas do gigante que me deu o próprio nome... Hoje, aos 83 anos, ainda gigante e a conduzir-me infante com suas mãos firmes e amorosas.

Enquanto o gigante respirar, sei que continuarei visão de menino em espelho estacionário.

Nesse tempo eram três as edificações famanazes, uma quase que defronte à outra, numa disputa diária pelas atenções dos transeuntes: Sloper, Viana Leal e Mesbla.

Só depois surgiu o que mais se aproximava do conceito hodierno de shopping center: A Mesbla da Conde da Boa Vista. Era o refrigerio e o refúgio de minha mãe, dedicada à rotina semanal da casa e aos cuidados incansáveis e ilimitáveis com os filhos impúberes.

A memória afetiva desse tempo, anos 70, revela uma ideia de centro algo semelhante àquela descrita por Marilene Felinto:

"... para mim, o centro do Recife era um lugar muito distante, mistura de miséria absoluta e modernidade espantosa, lugar cansativo, aonde se chegava por meio de ônibus velhos e barulhentos, e para onde se ia

fazer compras, resolver negócios intrincados ou frequentar os detestáveis consultórios médicos e dentários.”

Bem depois ressignifiquei este sentimento.

O apartamento do Edifício Cerejeira, em Boa Viagem, onde por mais tempo vivi. O cheiro de combustível fóssil; ruas calçadas; grandes alamedas e avenidas; o caminho rotineiro que nos levava, a mim e ao meu irmão, ao Colégio Santa Maria, felizes com a sensação de liberdade de então podermos caminhar até o destino sozinhos; o futebol de praia; o atletismo no Centro Santos Dumont; a explosão de hormônios (adolescência), o descortino e o prenúncio da vida adulta. Em Boa Viagem sentimos e vimos o Recife verticalizar, adensar e pintar com luzes de diversas cores as suas noites, cada dia menos vazias.

A propósito, Hermilo Borba Filho responde uma pergunta de Aníbal Fernandes:

*“como vai o Recife?”*

Resposta: *“Subindo. Cada tempo traz as suas marcas”* - continua Hermilo. *“Por que vamos ficar somente contemplando a Fortaleza do Brum, os solares de Dois Irmãos, o Teatro Santa Isabel, o Pátio e a Igreja de São Pedro?”*

*As cidades, como as pessoas, transformam-se muito e também como as pessoas não se pode afirmar de pés juntos que para bem ou para mal. Mudam. E daí?*

*O que não pode mudar no Recife são os rios, o mar, o céu, as árvores. Mas o resto... A juventude é outra, conhecendo a cidade como ela é. Nada de entoar réquiem, mas aderir à música nova."*

Depois veio a Escola Politécnica, vizinha a uma de minhas grandes paixões - e todos sabem que não adianta racionalizar esse sentimento. Bastava lançar um olhar para a esquerda que surgia majestoso o colosso Rubro-Negro, o Sport Club do Recife, vínculo afetivo que herdei de meu pai, o gigante!

No ano subsequente, 1988, estava sentado em uma das bancas da Faculdade de Direito do Recife. Foi a instituição que me preparou para o exercício de meu ofício - SERVIDOR PÚBLICO. Lá conheci a linguagem jurídica; o raciocínio argumentativo; encontrei **Giani**, um certo alguém que mudou completamente os rumos dos dias que se avizinhavam; naquele ambiente de requintada tradição, abri meu campo de visão para o Recife Centro, construí novas perspectivas e instaurei dentro de mim novas formas de sentir a força tonitruante que pode residir em paisagens aparentemente decadentes.

Da Faculdade de Direito lancei um olhar para o centro, como se estivesse recém chegando do além-mar; no ar uma atmosfera de inédito, um nardo indefinido de súbito

encantamento e curiosidade, o alumbramento do Nassau descrito por Josefa Farias:

*"Recebendo a carícia matinal das ondas, uma nau louçã veleja a todo o pano. Vinha da Holanda."*

*"Nassau, o príncipe idealista, recostado na amurada, à proa, admira o panorama inédito.*

*A nau garrida se avizinha, ligeira, do porto do Recife ... Como era lindo e formoso o colar de pedras que o ornamentava! O mar aljofrava-se com as suas espumas; lambia-o com volutuosidade! Para o norte, Olinda."*

O Recife, antes de ser cidade, foi porto, com a sua pedra quebrada, por onde entravam as embarcações de outros tantos e diferentes lugares.

Em 1993, chego, aos 23 anos, ao Tribunal de Contas do Estado, Rua da Aurora, 885. Continuei a reconstruir, apaixonadamente, a minha compreensão sobre o centro do Recife. Do TCE/PE lobrigo o Ginásio Pernambucano, imagino Clarice Linspector sentada em uma banca discente e o meu pai, em outro tempo, à frente de uma turma lecionando matemática.

Do TCE diviso a Casa de Joaquim Nabuco, do mesmo lado do rio, mas se dirigir um olhar de soslaio para a outra margem, bispo o Teatro Santa Isabel, fruto do estro arquitetônico de Vauthier, e dentro dele posso imaginar,

ainda, o próprio Joaquim Nabuco usando a palavra em célebres discursos.

Rua da Aurora, sair do TCE, virar à direita, caminhar margeando o rio em direção ao casario sempre foi empreitada muito prazerosa.

Impossível não lembrar Gilberto Freyre: Talvez a rua mais recifense, é de todas a mais cortejada pelo Capibaribe.

*"Um nome que parece título de poema, como o são Sol, Saudade, Soledade, Amizade, Ninfas, Real da Torre, Rosário, Encanta-Moça"*

Caminhar nesse trecho da Aurora é, inexoravelmente, lírico!

Do TCE aprofundei a relação dos recifenses com a água, com o líquido que em nós recifenses - agora posso proclamar - é pura ebulição...o recifense é buliçoso, irrequieto, transformador, algo iconoclasta, surpreendente, é líquido que não se deixa emoldurar ou estabilizar em formas ou fôrmas.

È, mais uma vez, Gilberto Freyre a revelar com maestria o óbvio: *"A cidade pode-se dizer que saiu de dentro da água como uma Iara"...* Muito lugar, onde hoje é asfalto, há menos de cem anos era quase lagoa, por onde

*se andava de bote! O largo da Faculdade de Direito, por exemplo. A Camboa do Carmo."*

Freyre canta loas à humildade e generosidade das águas para com a briosa população que as desalojara:

*"Dois rios, um deles vindo dos sertões, aqui se encontram; dividem a cidade em ilhas; e a maré vem quase dentro das casas, aos quintais, aos fundos de cozinha, pôr-se franciscanamente ao serviço dos pobres, deixar que as mulheres lavem a roupa e as panelas, que os molequinhos brinquem de "nadar no rio" e tomem banho. Irmã água ... água-viva."*

O zodíaco seria uma explicação, sem qualquer compromisso com as reais razões do fenômeno, para esse exacerbar lírico, sentimental e ufanista do recifense.. é que o elemento água rege, segundo a astrologia, as emoções, a mente subconsciente, a sensibilidade, os sentimentos.

Em epítome, houve deflexão absoluta do meu entendimento acerca do centro do Recife, antes fruto do olhar e do sentir esgazeado de criança impúbere. Hoje percebo grandiosidade e grandiloquência no que sinto quando vejo cores fortes do arquiteto e pintor holandês Pieter Post (ruptura da estrutura portuguesa pura); as marcas deixadas por destruições decorrentes da Insurreição Pernambucana e os empreendimentos efetivados pelos principais atores sociais da época, como bem

descreve-o Virgínia Pontual: Os mascates, as ordens religiosas católicas; e os representantes da Coroa Portuguesa; as ações urbanizadoras de Rego Barros e Louis Léger Vauthier.

Hoje sou cômico das abissais desigualdades que são paisagens comuns a todas as capitais brasileiras, consigo entrever por trás das belas cortinas naturais as dores vistas por Tereza Thenório em noturno do Recife:

*"Sobrevoando praças e mercados  
destaco o que me causa dor sem nome  
Aos esgotos precários que lhe cabe  
reúne ao lixo o homem e sua fome."*

Retornando ao meu périplo existencial, passo a ser cidadão da zona norte, constituindo outro casulo familiar além do original. São fortes as lembranças do apartamento dos Aflitos. Éramos eu, Giani e a minha primogênita (Maria Amélia). Na sequência, ocorre o nascimento de Dirceu Neto (o "Alemão"). Por fim, o apartamento da Torre e a chegada de Heitor (o "Bolinha").

O meu coração hoje é bífido, uma hemiface é de cidadão da zona sul, a outra já demonstra fortes sinais de quem é habitualmente encontrado na zona norte da cidade.

É tudo o que posso dizer sobre ser do Recife, não preciso tartamudear para afirmar o fato.

O direito é diferente, é obra dos insígnos parlamentares do Recife, reconhecimento voluntário de paternidade empreendido por pai ou mãe amorosa.

Vereador Eriberto Rafael (Primeiro Secretário da Câmara) - cuja generosidade é cogental à sua família -, Vereador Romerinho Jatobá (Presidente desta mirífica Casa), não há como expressar a nímia gratidão que se instalou em mim e em meus mais queridos desde a notícia.

O sentimento é abrangente, atinge cada vereador e cada vereadora que placitaram a proposta.

As palavras importam, mas não têm a densidade do gesto, da atitude. O gesto vem ao mundo em estado físico sólido. As palavras são mais líquidas, por vezes gasosas e dissipáveis. Hoje sou grato com a palavra, mas levo comigo a responsabilidade de ser "republicanamente" grato em estado sólido. Por agora são apenas palavras a enastrar.

Queria dedicar o dia de hoje à minha família: meus pais (Dirceu e Sevy); meu irmão (Wedme Rodolfo); minha mulher (Giani Maria); meus filhos (Maria Amélia, Dirceu e Heitor) e ao meu neto Estacinho.

Esta noite, em que Recife está, uma vez mais, coroada de um diadema de luzes, também é dedicada à memória de minha tia-mãe Darci.

Em relação ao mérito que possa justificar o direito (uma vez que o fato está bem documentado neste discurso), quero dizer que um servidor público como eu não tem relevância intrínseca para ver a escarpada de seu nome dos domínios do privado para as vastidões do público. Portanto, no mínimo, divido este mérito com os meus irmãos de profissão: TODOS OS SERVIDORES DO TCE/PE. Um servidor público, em tudo o que faz, conversa com um projeto coletivo de cariz institucional. E o projeto coletivo do TCE/PE sempre foi, é e será gerar valor público para a população que o justifica e mantém.

Embora isso seja de domínio do povo pernambucano, digo, como bem disse João Cabral, que eu

Falo somente para quem falo:  
quem padece sono de morto  
e precisa um despertador  
acre, como o sol sobre o olho.

**Muito Obrigado**